

# INTRODUÇÃO À EDIÇÃO TEMÁTICA CLASSES SOCIAIS, ESTADO E DESIGUALDADES<sup>1</sup>

Marco Natalino<sup>2</sup>

Felix Lopez<sup>3</sup>

## 1 APRESENTAÇÃO

Esta edição do *Boletim de Análise Político-Institucional* reúne, em formato de notas de pesquisa, um compêndio de estudos que exploram os dados coletados e organizados no projeto de pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo, que consistiu em uma pesquisa qualitativa de grande escala, realizada em 2015 e 2016 pelo Ipea (Visser, 2015; Natalino e Visser, 2017). O principal substrato empírico da pesquisa é composto de entrevistas semiestruturadas, em profundidade, com 632 brasileiros adultos, residentes em áreas urbanas de todas as regiões do país. As mais de cinquenta laudas, em média, de cada entrevista transcrita, narram histórias de vida de pessoas entremeadas pela sua relação com instituições econômicas, sociais e políticas. Essas relações com o trabalho, a escola, a religião, a família e o Estado se entrecruzam de forma significativa e revelam o sentido dado pelo indivíduo a cada uma dessas instituições no seu percurso de vida. Buscou-se, assim, captar processos de formação de classes sociais e reprodução de desigualdades, compreendendo-os à luz das disposições práticas, dos modos de vida e das visões de mundo da população.

O roteiro utilizado<sup>4</sup> assemelha-se, em seu conteúdo, a um tipo de enquete comum às pesquisas de mobilidade social, em que a origem de classe é captada e confrontada com o atual *status*. Dessa forma, a primeira parte das entrevistas versa sobre temas clássicos, como origem familiar, escolaridade, ocupação, renda e consumo. Tais temáticas são como um fluxo narrativo em que o entrevistado revisita a sua primeira infância; o nível educacional e a situação ocupacional dos pais; a relação com familiares, vizinhos e outras redes sociais de apoio; sua vivência com o mundo escolar; a transição entre a escola e o trabalho; a trajetória ocupacional; e os hábitos de poupança e consumo. Percepções sobre a relação entre o indivíduo, a sociedade e o Estado ocupam, *grosso modo*, outra parte das entrevistas, na qual noções de bem-estar, nação, justiça, desigualdade e política são entremeadas com experiências de leitura, fontes de informação, práticas religiosas, meios de engajamento social e formas de acesso a serviços públicos. Em todos os casos, captaram-se não apenas os fatos, mas também os sentidos atribuídos, pelas pessoas, às suas ações e ao seu contexto.

Em comparação com esse gênero de enquete, a pesquisa inova em dois quesitos. Primeiro, a extensão do roteiro de pesquisa é maior que em uma enquete tradicional, o que permitiu abordar a esfera da cidadania e seus significados. Segundo, ao evitar-se a formatação de uma estrutura rígida de perguntas e respostas, criou-se espaço para capturar a interpretação contemporânea das visões de Estado e democracia dos brasileiros. A “opinião pública” captada expressou-se de forma aberta, apresentando um quadro de cognições, valores e preferências mais acurado que o possibilitado por meio da aplicação de questionários fechados, e muito mais amplo e heterogêneo que o almejado por pesquisas qualitativas de pequena escala.

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bapi23introducao>

2. Especialista em políticas públicas e gestão governamental na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

3. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest) do Ipea.

4. Encontra-se no anexo desta introdução.

Uma motivação central deste projeto foi apurar: *i*) a maneira pela qual a ação do Estado atua concretamente na vida dos entrevistados; e *ii*) o modo como essa ação, em sua pluralidade, é interpretada por diferentes segmentos sociais. Os estudos que compõem esta edição deixam claro que as experiências e as percepções expressas não são aleatoriamente distribuídas, sendo condicionadas pelos espaços de socialização e pela posição de classe das pessoas.

A (des)conexão entre as intenções manifestadas pelos agentes do Estado e a cidadania não deve ser menosprezada: é comum uma política pública ser arquitetada com base em juízos preconcebidos sobre o público-alvo a ser atendido. Isso se reverte em pressupostos irrealistas acerca das demandas de quem necessita de atenção pública e de quais são suas expectativas em termos de justiça, participação e direitos. A chance de desconexão é maior quando as origens de classe e os mundos sociais em que habitam formuladores, implementadores e público-alvo são tão diferentes.

Compreender as condições e as expectativas de vida dos cidadãos possibilita que determinados desenhos de política possam ser reavaliados quanto a sua demanda, seus modos de operação e suas entregas. O material que começa a ser explorado aqui ambiciona contribuir para um entendimento institucional e político mais congruente com a realidade de vida da população brasileira. Para isso, é preciso tanto adentrar a vocação oficial de Estado em suas esferas de atuação quanto entender suas possibilidades de legitimação pública e reformulação a partir das condições sociais e econômicas, dos limites e capacidades, do público beneficiário e potencial.

## 2 CLASSES SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo se insere no debate suscitado a respeito das implicações sociológicas do amplo movimento de ascensão social observado por uma parcela significativa dos brasileiros a partir do início dos anos 2000. De 2003 a 2014, 32 milhões de brasileiros saíram da condição de miséria e outros 30 milhões deixaram a condição de pobreza. Esse contingente representa quase um terço da população brasileira (Singer, 2018, p. 78).

A pesquisa contemplou cinco classes sociais, denominadas “ralé estrutural”, “batalhadores”, “classe média”, “classe média alta” e “classe alta”, as quais foram construídas a partir de investigações anteriores acerca da estrutura social brasileira (Souza, 2009; 2012). Buscou-se ampliar o campo de investigação do foco original nas frações da classe trabalhadora em condição de pobreza, vulnerabilidade e ascensão social recente – esta última pelo menos até 2014 – para incorporar as camadas “estabelecidas” da estrutura social. Em todos os casos, a indicação da classe do entrevistado foi resultado de entrevistas em profundidade com cada um, em que relataram sua origem e sua condição social em termos de capital econômico, cultural e social, considerando-se ainda a ocupação, os gostos e os repertórios políticos e morais.

A ralé estrutural pode ser entendida como a fração inferior da classe trabalhadora, ou, em termos clássicos, como os lumpemproletários, desclassificados, marginalizados, pobres. São particularmente vulneráveis à violação de direitos e reproduzem-se intergeracionalmente como classe excluída. A pesquisa revela que advêm de um ambiente familiar e comunitário de baixíssimo capital econômico e cultural, marcado por pobreza, instabilidade dos cuidados familiares e frágil estímulo ao desenvolvimento infantil. Possuem baixo ou baixíssimo patrimônio, reduzido capital social e escolaridade ou até mesmo, no caso de seus membros mais velhos, nenhuma instrução formal. Na esfera da produção, inserem-se como trabalhadores elementares, empregados domésticos e autônomos precários. Sua capacidade de venda da força de trabalho é bastante limitada, auferindo salários em média próximos ao mínimo. A ralé é,

geralmente, desfilhada do sistema de seguro social, e, quando se filia à força de trabalho formal, permanece por pouco tempo nessa condição. Sua trajetória laboral é marcada, assim, pelo risco do desemprego, da doença e da incapacidade ao trabalho.

Os batalhadores constituem uma nova classe trabalhadora, por vezes mal identificada como uma “nova classe média”, incluída econômica e culturalmente nos fluxos contemporâneos do sistema capitalista global.<sup>5</sup> Se a ralé estrutural constitui um grupo “não só sem capital cultural e econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida (...) das condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação” (Souza, 2009, p. 21), os batalhadores constituem uma classe que, de forma limitada, tem algum capital econômico e cultural, bem como uma espécie de “capital familiar” (Souza, 2012; Menezes, 2018) que se expressa como uma disposição prática para o agir no mundo adaptado à ética do trabalho contemporânea. O pensamento prospectivo, o autocontrole e a disciplina permitem uma inclusão subordinada no mundo da produção interdita à ralé, presa que está às necessidades inadiáveis do presente.

As entrevistas revelam que a socialização primária dos batalhadores se deu em ambiente de capital cultural, econômico e social superior à ralé, mas ainda assim relativamente baixo. No que se refere ao capital familiar, nota-se que os estímulos ao desenvolvimento infantil foram significativamente maiores em relação à ralé, e a “criação”, por assim dizer, envolveu também mais comunicação e menos violência. Os batalhadores possuem escolaridade média, sendo comum até mesmo o contato com o ensino superior entre seus membros mais novos. Tendem a se inserir na esfera da produção, seja como trabalhadores formais qualificados e supervisores, seja como trabalhadores autônomos, por conta própria, geralmente em condições precárias, mas podendo até mesmo ser pequenos empregadores. Sua capacidade de venda da força de trabalho, para além da escolaridade e das disposições práticas apontadas, associa-se, por vezes, a um pequeno patrimônio, o que lhes possibilita auferir rendas próximas à mediana nacional.

A classe média são os estabelecidos. Gozam de um relativo privilégio no que se refere à acumulação de capital cultural (principalmente de tipo escolar), capital econômico e prestígio social. Seu privilégio básico se assenta, ainda mais que os batalhadores, sobre poder “esperar e se preparar para o futuro” (Souza, 2012, p. 52), dedicando-se aos estudos a fim de ingressar no mercado de trabalho em condições mais vantajosas.

Os entrevistados dessa classe são pessoas oriundas de famílias com capital cultural e econômico médio, que lhes propiciaram alta estabilidade nos cuidados afetivos, estimularam seu desenvolvimento durante a infância e os criaram mais na base da conversa que no disciplinamento violento. Viveram e vivem em bairros com infraestrutura urbana adequada e socializaram-se em ambientes típicos das classes médias, como as escolas particulares. São pessoas, em geral, com superior completo ou até mesmo alguma pós-graduação, e tendem a possuir algum patrimônio. São empregados especializados, especialistas autoempregados, por vezes assumindo cargos de gerência ou atuando como pequenos empregadores, e auferindo rendimentos muito acima da média nacional.

As classes média alta e alta não são tão facilmente distinguíveis com base na pesquisa. O motivo principal é o número relativamente baixo de pessoas dessas classes que foram entrevistadas.<sup>6</sup> A distinção mais clara entre elas, como seria de se esperar, está no nível de renda e na propriedade de meios de produção.

5. Para uma síntese de um instigante debate conceitual e terminológico sobre os atributos definidores das frações emergentes da miséria e da pobreza (por exemplo, nova classe média, nova classe trabalhadora e batalhadores, entre outros), remetemos ao capítulo 2 de Singer (2018).

6. Foram entrevistadas 46 pessoas de classe média alta e 14 de classe alta.

Mais que as classes médias estabelecidas, as classes alta e média alta nasceram e cresceram em famílias de capital cultural e econômico de médio para alto. Suas redes sociais são ricas em recursos e seu patrimônio pessoal é elevado. Para além do nível de escolaridade em si, que é maior, distinguem-se da classe média pela característica elitista das instituições de ensino superior que frequentaram. Se a classe alta é composta principalmente de proprietários e grandes empregadores, a média alta é majoritariamente formada pela combinação de alta especialização e exercício de autoridade no ambiente de trabalho, sendo, com maior frequência que a classe média, “chefes”.

Apresentados o contexto e os objetivos do projeto, bem como a perspectiva teórica e empírica de enquadramento das classes sociais, descrevemos a seguir os temas de cada texto da publicação.

### 3 OS TEXTOS DA PUBLICAÇÃO

Sete dos oito artigos que integram esta edição temática utilizam os dados empíricos coletados no projeto Radiografia do Brasil Contemporâneo. Essa unidade se desdobra na diversidade de recortes e explorações dos dados coletados. De modo panorâmico, os textos contribuem para apurar o entendimento das clivagens sociais e de classe da sociedade brasileira, e como tais clivagens se retraduzem em apreciações, repertórios e atitudes das pessoas no entendimento de políticas públicas ou fenômenos sociais, guardando coerência com suas trajetórias e posições no espaço social, ou de classe.

O artigo de Emerson Rocha, *Espaço social e estrutura de classes em regiões metropolitanas brasileiras*, contribui para a compreensão da distribuição de atitudes dos brasileiros no espaço social (Bourdieu, 1996; 2007). O texto aplica uma análise de componentes principais a fim de explorar se as escalas atitudinais referentes a esferas de ação social – ao trabalho, à família, à comunidade, à política e ao consumo cultural – revelam estilos de vida próprios em cada classe social. A análise empírica se insere nas discussões sobre a pertinência do conceito de classe e em que medida ele captura de forma heurísticamente útil disposições incorporadas, atitudes e comportamentos. Rocha explora se, entre as classes, distâncias e proximidades na posse de bens materiais correspondem a distâncias e proximidades imateriais.

No artigo *Classe, estilos de vida e valores no Brasil*, André Vieira e Felix Lopez abordam, de modo preliminar, as possibilidades de testar empiricamente a propriedade do conceito de classe social, entendido e operacionalizado de forma multidimensional, para caracterizar o espaço das disposições comportamentais dos indivíduos em relação às diferentes esferas da ação social. Para tanto, inspirados em Grusky e Weeden (2010), os autores utilizam dados de *survey* e a técnica de análise de classes latentes com o objetivo de identificar grupamentos emergentes observados a partir de preferências comuns em relação aos hábitos de lazer e aos estilos musicais, bem como atitudes quanto ao ativismo cívico. O texto dialoga com as intenções de verificar como a classe social explica aspectos da organização de identidades e estratégias de vida dos brasileiros, e as conexões entre posições de classe e estilos de vida (Bourdieu, 2007).

Em *Encontros burocráticos e suas reverberações simbólicas: uma exploração das experiências de interação cotidiana com agentes do Estado*, Roberto Pires aplica a “sociologia do guichê” para analisar as situações em que pessoas interagem com funcionários do governo – os encontros burocráticos. Tais encontros são uma via para acessar os microdispositivos que alimentam a autoimagem que os segmentos sociais produzem de si e dos outros a partir da interação com agentes do Estado. Esses agentes são a face prática das ações e dos discursos que, na realidade, impõem, reproduzem e dão corpo às categorias oficiais – arbitrárias – do Estado, ao mesmo tempo que manifestam preconceitos sobre diferentes classes de cidadãos, com base em experiências e socializações fora do próprio Estado. Os encontros são, por assim dizer, matrizes geradoras

de cognições do cidadão sobre o Estado e, nesse sentido, essenciais para compreender a construção cotidiana dos sentidos práticos que o Leviatã e suas políticas carregam no imaginário de distintos públicos das organizações estatais. Em sentido reverso, revelam como os agentes públicos classificam, reclassificam e desclassificam os cidadãos na atividade cotidiana.

No artigo *Pobreza, redistribuição e o Programa Bolsa Família na percepção dos brasileiros*, Marco Natalino explora as diferenças e as similitudes nas percepções das classes sociais sobre o Programa Bolsa Família e, por esse prisma, captura valores e cognições a respeito da pobreza, da desigualdade social, da redistribuição e das avaliações da sociedade civil sobre os beneficiários “merecedores” e “não merecedores” de políticas. A análise aponta as dificuldades de ampliar a cidadania social para setores excluídos em face dos estigmas que lhes são associados. Essas dificuldades se ampliam quando os benefícios sociais mínimos são focalizados apenas nesses grupos e, portanto, não contam com uma coalizão de apoio majoritária, gerando um regime de bem-estar menos generoso e mais desigual (Korpi e Palme, 1998).

Em *Repertórios sobre as razões da desigualdade no Brasil*, Felix Lopez explora, a partir das entrevistas, os enquadramentos e os repertórios aos quais os brasileiros recorrem para explicar as razões das desigualdades que marcam a autoimagem do país. Emergem cinco enquadramentos que reforçam argumentos que atribuem à herança colonial, ao Estado, à corrupção política, à desigualdade educacional e aos atributos individuais as razões para mantermos o padrão atual de desigualdade.

Antonio Lassance, em *O povo não assiste a tudo bestializado*, seleciona os fragmentos das entrevistas que revelam as atitudes de diferentes classes sociais do país em relação à mídia corporativa tradicional. Os resultados vão de encontro ao argumento da passividade e internalização acrítica das pessoas em relação às notícias que as alcançam. Embora vivamos sob um conglomerado midiático cujos indicadores comparados apontam riscos para a democracia, não decorre daí – “uma atitude de total passividade, conformismo e bestialização das classes em geral”, pois as pessoas reagem de modo seletivo e pragmático às informações que lhes chegam, ainda que o consumo das informações, e os meios de acesso, varie entre classes.

No artigo *A meritocracia e a reprodução da desigualdade: análise comparativa entre trajetórias sociais de agentes do campo jurídico*, Mariana Garcia sintetiza resultados preliminares da análise sobre as trajetórias dos bacharéis de direito provenientes de diferentes (frações de) classes. A inserção da classe média alta nas posições mais prestigiosas do campo jurídico estatal – as melhores carreiras, os melhores salários e o maior *status* – espelha desigualdades que vão se estabelecendo na trajetória de vida dos formados provenientes das diferentes classes, na graduação, e como egressos. A ampliação do acesso aos bacharelados de direito – ensejados por políticas de inclusão – e à primeira universidade aos mais pobres – casos do Programa Universidade para Todos (Prouni) ou do Programa de Financiamento Estudantil (Fies) –, paradoxalmente, revelou com maior clareza as condições desiguais da disputa para o ingresso em algumas carreiras públicas, embora as desigualdades se mascarem no discurso meritocrático.

Identificar os repertórios de acesso aos empregos mobilizados por desempregados situados em diferentes faixas de escolaridade, e como esses segmentos significam a perda e a busca por emprego, é o objetivo da análise de Vitor Menezes no texto *Perfis educativos e repertórios de acesso a empregos*. De fato, segmentos mais e menos escolarizados mobilizam estratégias, repertórios e léxicos essencialmente distintos, que retraduzem os diferentes níveis de instabilidade e incerteza experimentados por cada grupo.



## 4 CONCLUSÃO

Os textos aqui reunidos contribuem para entendermos algumas das mais importantes clivagens sociais no país e, seja adotando novas metodologias, seja incorporando novos ângulos de análise, aprofundam a compreensão de fenômenos amplos e multidimensionais. Esse é o caso das desigualdades sociais e como elas são percebidas, explicadas e reproduzidas, seja na interação face a face entre o burocrata do balcão e o cidadão, seja nos canais de ascensão ao topo das carreiras jurídicas, seja nos repertórios de justificação ou negação de direitos básicos de cidadania, seja, ainda, nas estratégias de reinserção do mercado de trabalho.

Esta edição temática do *Boletim de Análise Político-Institucional* também contribui para apontar novas possibilidades de compreender clivagens sociais e de classe, do ponto de vista metodológico e analítico. Como resultado inicial de um trabalho coletivo de exploração de dados originais e fecundos, espera-se que as análises sintéticas e seus dados empíricos sejam fontes de estímulo para novas explorações, no atual contexto em que divisões e polaridades entre segmentos e classes se revigoram no país.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. *In*: \_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. O espaço social e suas transformações. *In*: \_\_\_\_\_. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- GRUSKY, D.; WEEDEN, K. Are there social classes? A framework for testing sociology's favorite concept. *In*: LAREAU, A.; CONLEY, D. (Ed.). **Social class**: how does it work? New York: Russell Sage, 2010. p. 65-89.
- KORPI, W.; PALME, J. The paradox of redistribution and strategies of equality: welfare state institutions, inequality, and poverty in the western countries. **American Sociological Review**, v. 63, n. 5, 1998.
- MENEZES, V. **Família e posição de classe**: a socialização familiar pela privação e a socialização familiar protetiva. Brasília: Ipea, 2018. (Texto para Discussão, n. 2379). Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8350>>.
- NATALINO, M.; VISSER, R. **Relatório da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo**. Brasília: Ipea, 2017. Mimeografado.
- SINGER, A. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.
- SOUZA, J. (Org.). **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- VISSER, R. **Radiografia do Brasil Contemporâneo**. Orientação para a realização das entrevistas. Ipea, 2015. Mimeografado.

## ANEXO

Com o objetivo de facilitar a compreensão dos leitores acerca dos dados explorados nos artigos desta publicação, este anexo é o roteiro semiestruturado que orientou as entrevistas, as quais resultaram no principal material empírico da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo.

QUADRO A.1  
Roteiro de entrevistas, por tema

Questão	Tema
Qual era a profissão dos seus pais?	Condição socioeconômica de origem
Como eles conciliavam trabalho e família?	
Como era a vida de vocês: muito apertada, mais ou menos, ou viviam com folga? Fale mais sobre isso.	
Seus pais estudaram até que série?	
Quem cuidava de você? Como cuidava?	Infância
O ambiente na sua casa era tranquilo ou era mais conturbado? Quem mais morava na mesma casa?	
Como era a divisão do espaço e das tarefas?	
Descreva um dia típico da sua infância.	
Quando você fazia algo de errado, como você era punido?	
Quais eram as preocupações centrais em termos financeiros?	
Faltava alguma coisa em casa?	
Nós sabemos que todas as famílias têm coisas boas e também têm muitos problemas. Quais eram as melhores coisas na sua família?	
E quais eram as piores?	Percepção de mudança socioeconômica
A gente sempre herda muitas coisas dos nossos pais. O que você herdou do seu pai?	
O que você herdou da sua mãe?	
O que você tentou fazer diferente do seu pai?	
O que você tentou fazer diferente da sua mãe?	
Olhando para a sua família hoje e para o tempo em que você vivia com seus pais, quais as grandes diferenças que você vê na maneira de criar os filhos?	
E na maneira de conviver com o companheiro?	
E na sua condição social?	
Descreva um dia típico na sua escola quando você estava no primário.	Escolaridade
Teve algum professor do qual você gostou muito?	
Você estudava em casa?	
Como era isso?	
Você fazia alguma atividade além da escola?	
Como era isso?	
Você se considerava inteligente na escola? Fale mais sobre isso.	
E seus pais e professores, em geral, eles te achavam inteligente?	
O que você mais gostava de fazer na escola?	
E o que você não gostava de fazer?	

(Continua)

(Continuação)

Questão	Tema
E quando você ficou adolescente, o que mudou na sua vida escolar?	Transição escola-trabalho
Quando você começou a pensar em uma profissão?	
No que a escola te influenciou nisso?	
Quando você começou a trabalhar?	
Por quê?	
Quantos trabalhos diferentes você teve? Conte essa história.	
Descreva um dia típico no seu trabalho atual.	Ocupação
Como é a sua relação com seus superiores e colegas?	
Qual era o trabalho dos seus sonhos?	
Ele tem a ver com seu trabalho atual?	
Que tipo de competências ou habilidades o seu trabalho exige?	
Como você desenvolveu essas habilidades?	
Você está contente com o seu trabalho ou você pretende mudar?	
Você tem uma renda estável?	
Qual é a frequência de seus rendimentos (semanal, mensal, trimestral...)?	Despesa e poupança
Como você usa seu dinheiro?	
Despesas mensais?	
Poupança?	
Investimento?	
Como você organiza esses gastos?	
Alguma forma de controle escrito?	Capital social
Com qual antecedência?	
Você tem muitos amigos?	
Como você os conheceu?	
Algum amigo ou conhecido já te deu algum tipo de ajuda que foi importante para sua vida profissional?	Religião
Que lugares você frequenta com seus amigos?	
O que vocês fazem juntos?	
Você tem alguma religião?	
Com que frequência você vai aos cultos?	Lazer
Com que frequência você faz orações fora do culto?	
E outras atividades religiosas?	
Que atividades você faz na igreja?	
Com quem você vai à igreja?	
A que tipo de pessoa Deus ajuda?	
Como Deus tem atuado na sua vida?	
Que coisas você pede a Deus?	
Como Deus age nesse mundo?	
Geralmente, o que você faz para se divertir ou se distrair?	
Quando tem tempo livre, prefere ficar em casa ou gosta de sair?	
E o que faz nesse tempo?	
E onde você geralmente vai?	
Esses lugares que você frequenta, conte-me mais sobre eles.	

(Continua)



(Continuação)

Questão	Tema
O que você mais gosta de comprar?	Consumo
Com que frequência?	
Como você se veste?	Cultura
De que tipo de música você gosta?	
Cite exemplos.	
Quais os últimos filmes a que você assistiu e gostou?	
Por que gostou?	
Quais os últimos livros que você leu e gostou?	
Por que gostou?	
Você gosta de cozinhar? Fale mais sobre isso.	Alimentação
Você considera a sua alimentação saudável?	
Por quê?	Cuidados com o corpo
O que você faz para cuidar do seu corpo?	
Malha?	Álcool
Pratica esportes?	
Você bebe?	Gênero
O que costuma beber? Cite uma marca.	
As mulheres estão se libertando muito rapidamente. Quais são os aspectos negativos e positivos disso?	Gênero
Você acha que homens e mulheres são iguais ou diferentes? Por quê?	
Quem você acha que tem mais satisfação sexual, o homem ou a mulher? Por quê?	Relações conjugais
O que é um parceiro ideal?	
Qual a diferença entre sexo e amor?	
É possível manter a paixão num casamento?	
O que leva a conflitos em um casal?	Percepção de classe e políticas públicas
Como você se enxerga na sociedade?	
Como você percebe as classes imediatamente acima da sua?	
E as classes imediatamente abaixo?	
Como você acha que as políticas públicas tratam as pessoas mais pobres?	
O que é ter uma vida boa no Brasil?	
O que seria mais importante e menos importante em uma vida boa?	
Como se pode alcançar essa vida boa?	
Qual é o papel das políticas públicas para alcançar essa vida boa?	
Você pode alcançar essa vida boa?	
Qual o papel da educação para assegurar essa vida boa?	Papel e acesso a políticas sociais
E o papel das cotas?	
E o do Pronatec [Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego]?	
Como é sua relação com o SUS [Sistema Único de Saúde]?	
Como você o avalia?	
E o do Mais Médicos?	
E o do Bolsa Família?	
E o do Minha Casa Minha Vida?	
E você foi ou é beneficiado por algum desses programas?	
E como foi essa experiência?	
Você foi bem tratado pelos funcionários desses programas?	
E você já tentou ser beneficiado e não conseguiu?	
E como foi essa experiência de não conseguir?	

(Continua)

(Continuação)

Questão	Tema
O que seria bem-estar para você?	Bem-estar e projeto de vida
Pensando no bem-estar da sociedade, como você vê o papel das políticas sociais?	
O que seria para você progresso?	
E o que você acha que dificulta a melhora de vida das pessoas?	
Você tem algum sonho ou projeto futuro que quer alcançar?	
Como você acha que poderia alcançar esse sonho?	Problemas nacionais
Para você, qual é o principal problema do Brasil? Por quê?	
O que podemos fazer para superá-lo?	Preconceito e discriminação
Você acha que o preconceito é um problema no Brasil?	
Você já sofreu algum preconceito?	
Se sim, poderia contar como foi?	
Você acha que há preconceito entre as classes? Por exemplo, entre ricos e pobres? Por quê?	Direitos reprodutivos e sexualidade
E você acha que as políticas públicas tratam as pessoas de forma humilhante? Por quê?	
Como você enxerga a questão do aborto?	
E do casamento <i>gay</i> ?	Solidariedade e engajamento social
Como você reagiria se alguém próximo se envolvesse em alguma destas questões?	
Em qual extensão a questão ambiental impacta a sociedade e a sua vida?	Fontes de informação
E a desigualdade social?	
Você se engajaria preferencialmente em causas ambientais, maus-tratos de animais, ou em causas “sociais”, como assistência aos usuários de <i>crack</i> ou outros excluídos? (Fazer o entrevistado falar espontaneamente.)	
Como você percebe isso?	Causas da desigualdade
De todas as fontes de informação, em qual você mais confia? Por quê?	
E em qual você menos confia? Por quê?	Drogas e segurança pública
O Brasil é um país muito desigual. Quais são as causas disso?	
Você é a favor ou contra a maioridade penal? Por quê?	
Você acha que drogas mais leves, como a maconha, deveriam ser descriminalizadas?	
E drogas mais pesadas? Por quê?	Política
Como é que o governo deveria lidar com os usuários de <i>crack</i> ?	
O que você acha do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso?	
E do ex-presidente Lula? Por quê?	

Fonte: Pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo.